

Indústria

Crise afeta o setor calçadista no ano de 2005*

Maria Helena Antunes de Sampaio**

Economista da FEE.

Introdução

No ano de 2005, o setor calçadista não teve uma boa *performance*. Para esse desempenho, contribuíram a valorização do real frente ao dólar — que torna o calçado brasileiro menos competitivo internacionalmente — e a elevada taxa de juros no mercado interno, que “inibe” a realização de investimentos produtivos.

Este artigo tem por objetivo fazer uma análise do desempenho do setor calçadista no Brasil e no Rio Grande do Sul, em 2004 e 2005. Para essa análise, serão utilizadas as seguintes variáveis: produção, exportação, importação, preços e pessoal ocupado, com base em dados da Abicalçados, do IBGE e da RAIS. Além desta **Introdução**, este artigo está dividido em três outros itens: **A indústria calçadista brasileira em 2005**, **A crise da indústria calçadista no Rio Grande do Sul** e as **Considerações finais**.

A indústria calçadista brasileira em 2005

A indústria de calçados no Brasil, em 2004,¹ era composta por 8.443 empresas, distribuídas geograficamente em oito pólos produtivos²: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Bahia, Paraíba e Ceará. Dentre esses, devem-se destacar o estado gaúcho, que concentra 37,9% das empresas, e o paulista, com 30,1%. Juntos, esses dois estados possuem 68% das empresas nacionais, como se observa na Tabela 1.

Nessas regiões, estão presentes empresas de diferentes portes e com níveis diferentes de capacitação produtiva. Tal heterogeneidade explica-se pela natureza do produto e do processo de produção, que são diferentes em cada linha de produtos.

Tabela 1

Número de empresas dos principais pólos calçadistas e sua participação no total do Brasil — 2004

ESTADOS E BRASIL	NÚMERO	ESTRUTURA (%)
Rio Grande do Sul	3 192	37,9
São Paulo	2 542	30,1
Minas Gerais	1 410	16,7
Somatório	7 144	84,7
BRASIL	8 433	100,0

FONTE: RAIS.

Mesmo que o setor venha incorporando tecnologias modernas, de gestão e de processo, esse segmento industrial permanece intensivo em mão-de-obra, de modo que variações no nível de emprego estão relacionadas diretamente com variações na produção. A mão-de-obra barata ainda se constitui no principal fator responsável pela competitividade dos calçados, embora atributos como marca, qualidade e *design* desempenhem um papel importante na competitividade do segmento.

O comportamento do emprego e de outras variáveis relativas ao desempenho do setor (produção, exportação, importação, consumo aparente e *per capita*, vistos na Tabela 2) mostra que a *performance* da maior parte dessas variáveis foi negativa em 2005. A produção em número de pares teve uma redução de 4,0% em relação ao ano anterior, o consumo aparente manteve-se o mesmo de 2004, portanto, sem nenhuma oscilação, enquanto o consumo *per capita* teve um decréscimo de 1,3%. O volume importado foi à única variável que, dentre essas, teve um significativo aumento, de 89%.

* Artigo recebido em 26 abr. 2006.

** A autora agradece as colegas Maria Lucrécia Calandro, Maria Isabel Jornada e Silvia Campos pela leitura do texto e pelas sugestões.

¹ Adotaram-se as informações da RAIS, porque, metodologicamente, são mais abrangentes que as informações da Abicalçados, que só contemplam as empresas associadas.

² Denominação utilizada pela Abicalçados.

Do total produzido pela indústria calçadista brasileira em 2005, 26% destinam-se ao mercado externo. Embora esse percentual signifique um volume bastante expressivo de vendas externas, em termos de participação da mercadoria calçados na pauta de exportações, ele é pouco representativo — apenas 2% do valor total exportado.

As vendas estão direcionadas para poucos países, destacando-se Estados Unidos, Reino Unido e Argentina. Estes adquirem praticamente 70% do que é exportado, e, destes, mais de 50% destinam-se aos portos norte-americanos. Além de para esses países, o Brasil ainda exporta — em menor escala, porém em valores superiores a US\$ 20 milhões — para México, Canadá, Espanha, Chile, Alemanha e Países Baixos. A distribuição de compradores de calçados brasileiros pouco se alterou na primeira metade desta década. A mudança mais expressiva ocorreu no ano de 2005: as importações realizadas pelos três principais compradores de calçados brasileiros reduziram-se em, aproximadamente, cinco pontos percentuais, ao mesmo tempo em que se ampliava a participação de produtos de procedência chinesa tanto no mercado externo quanto no interno (Gráfico 1).

O valor das exportações de calçados brasileiros, em 2005, teve um incremento de 4,3%, enquanto o volume exportado caiu 10,4%, como se constata na Tabela 3. O resultado positivo no valor deve ser creditado ao aumento do preço médio de comercialização, que passou de US\$ 8,53 para US\$ 9,93, consequência da maior agregação de valor ao sapato brasileiro, que passou a atender ao consumidor de uma faixa mais elevada de preços.

O impacto dessa redução de volume comercializado pode ser avaliado com a seguinte simulação: se, no ano de 2005, fosse mantido o volume exportado em 2004 e se esse fosse vendido ao preço médio do último ano, haveria um acréscimo de 16,4% no valor das exportações do setor.

O calçado brasileiro está perdendo competitividade no exterior, pois, somente em 2005, o País deixou de exportar 22 milhões de pares, apesar do esforço para aumentar vendas e diversificar mercados. Isso pode ser explicado por uma mudança de estratégia da China, que, num primeiro momento, tinha sua produção de calçados voltada para um segmento de mercado onde o preço é mais baixo e, portanto, de menor qualidade e, depois, passou a concorrer também no segmento intermediário, disputando esse mercado com o Brasil, com Portugal e com a Espanha, onde a qualidade e os preços não atingem os valores do sapato italiano, reconhecidamente de maior valor agregado, logo, mais caro.

Além da redução no número de calçados exportados, o setor ainda sofreu com o significativo aumento de 88,9% nas importações brasileiras, resultado de uma importação de 17 milhões de pares, significando que o País deixou de produzir internamente cerca de 30 milhões de pares.

Verifica-se, na Tabela 4, que o Brasil importa principalmente de quatro países: China, Vietnã, Indonésia e Tailândia. Mas a grande concentração está nos calçados de origem chinesa, responsáveis por mais de 80% das importações. O incremento significativo, tanto no volume como no valor, das importações oriundas dos países asiáticos decorre, principalmente, da grande competitividade desses países — creditada ao baixo custo de produção — no mercado internacional.

No ano 2000, as importações representavam algo em torno de 1,0% do consumo nacional; já, em 2004, essa participação passou para 1,6%; e, mantendo a trajetória ascendente, em 2005, atingiu 3,1%,³ um crescimento de quase 90% em relação ao ano imediatamente anterior.

No contexto mundial, a indústria brasileira tem uma posição de destaque. No *ranking* dos maiores produtores, ocupa a terceira colocação, precedido pela China e pela Índia; também nas exportações, o Brasil está bem posicionado, ocupando o quinto lugar.

³ Não se considerou, no cálculo, o que foi exportado em regime de *drawback*.

Tabela 2

Produção, importação, exportação, número de empregados, consumo aparente e *per capita* do setor calçadista no Brasil — 2000, 2004 e 2005

DISCRIMINAÇÃO	2000	2004	2005 (1)
Empregados (formais celetistas)	239 609	312 131	297 302
Produção (milhões de pares)	580	755	725
Importação (milhões de pares)	...	9	17
Exportação (milhões de pares)	160	212	190
Consumo aparente (milhões de pares) (2)	...	552	552
Consumo <i>per capita</i> (pares)	2,51	3,02	2,98

FONTE: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS (Abicalçados). **Resenha Estatística**, 2004 e 2006.

Disponível em: www.abicalçados.com.br

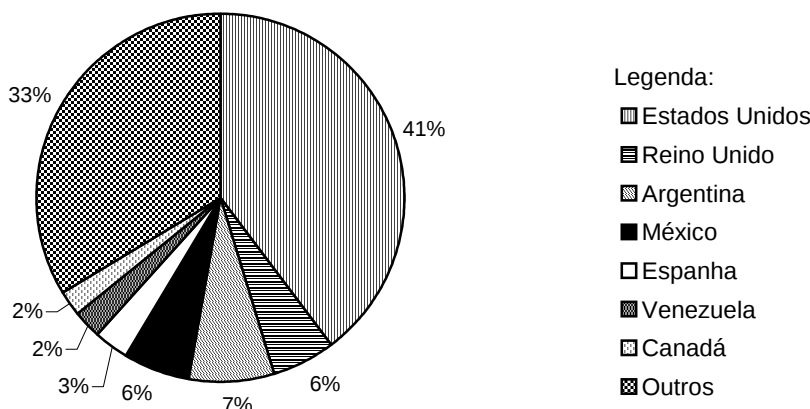
RAIS.

CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS (Caged).

(1) Os dados do ano de 2005 são uma recomposição de estoque com base nos dados da RAIS de 2004. (2) Consumo aparente calculado com base nas informações da Abicalçados.

Gráfico 1

Principais destinos das exportações brasileiras de calçados — 2005



FONTE: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS (Abicalçados).

Resenha Estatística, 2006. Disponível em: www.abicalçados.com.br

Tabela 3

Quantidade e valor das exportações calçadistas brasileiras — 2000, 2004 e 2005

ANOS	QUANTIDADE EXPORTADA (1 000 pares)	VALOR DAS EXPORTAÇÕES (US\$ milhões)
2000	160	1 547
2004	212	1 809
2005	190	1 887

FONTE: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS (Abicalçados). **Resenha Estatística**, 2004 e 2006.

Disponível em: www.abicalçados.com.br

Tabela 4

Quantidade e origem das importações do setor calçadista brasileiro — 2005

PAÍSES	NÚMERO (milhões de pares)	ESTRUTURA (%)
China	13 796	81,40
Vietnã	1 140	6,73
Indonésia	566	3,34
Hong Kong	390	2,30
Tailândia	267	1,58
Taiwan	175	1,03
Outros	615	3,63
TOTAL	16 949	100,00

FONTE: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS (Abicalçados). **Resenha Estatística**, 2006. Disponível em: www.abicalçados.com.br

A crise da indústria calçadista no Rio Grande do Sul

A conjuntura desfavorável pela qual passa o setor calçadista é mais alarmante e de consequências mais desastrosas para o RS do que para o Brasil, já que representa aproximadamente 13,01% das exportações estaduais. A participação desse segmento no valor da transformação industrial (VTI) da indústria de transformação gaúcha gira ao redor dos 12%, significativamente superior à nacional, que não alcança uma participação de 2%. A crise do setor atingiu principalmente as grandes empresas, com sua produção mais voltada para o mercado externo; já aquelas mais direcionadas para o mercado interno, ou as que conseguiram redirecionar sua produção, tiveram seus prejuízos atenuados. Essa conjuntura levou ao fechamento de várias fábricas, que se refletiu, de maneira drástica, na redução do número de empregados formais celetistas, com a eliminação de 16 mil postos de trabalho em 2005, representando uma queda de 11,3%.

Em 2005, o volume exportado apresentou uma queda de 17,5%. Altamente dependente do mercado externo, exportando praticamente 70% da sua produção, o setor calçadista, no Estado, teve perdas importantes em razão da política cambial vigente no País, nos últimos anos. Esse impacto significativo da queda das exportações no RS levou a uma redução de 5,2% na produção, como mostra a Tabela 5.

A indústria calçadista, já a partir de 1990, vinha-se ressentindo da maior exposição da economia brasileira à concorrência externa. O setor, que foi, durante muitos anos, protegido da concorrência, defrontou-se, a partir do início dos anos 90, com o aumento da concorrência nos mercados externo e interno, principalmente dos produtos oriundos dos países asiáticos. Nesse cenário, as empresas foram forçadas a empreender um amplo programa de reestruturação, que alterou o perfil da indústria. Nesse mesmo período, na tentativa de produzir com menores custos, os empresários buscaram outras regiões do País, onde obtivessem vantagens competitivas, numa tentativa de reduzir os custos de produção, através da redução do custo da mão-de-obra e da obtenção de incentivos fiscais.

Entretanto essa diminuição nos custos não foi suficiente para garantir a rentabilidade do setor frente à defasagem da moeda norte-americana. A perda de competitividade do produto gaúcho no exterior levou os empresários do setor a buscarem também novos mercados. Em 2000, 69,4% das exportações destinavam-se aos EUA; 9,8%, à Argentina; e 5,1%, ao Reino Unido, totalizando 84,3%. Entretanto, em 2005, como resultado da política de buscar novos mercados, os “outros” países passaram a responder pela aquisição de 34,2% das exportações do Estado, enquanto Estados Unidos, Argentina e Reino Unido tiveram uma redução de 18 pontos percentuais em relação ao ano de 2000, como consta na Tabela 6.

A participação da exportação do RS no total exportado pelo Brasil era de 74,2% em volume, caindo para 52,1% em 2005, como se pode verificar na Tabela 7. Nesse ano, o RS deixou de exportar 21 milhões de pares, representando uma queda de 17,5%. Quanto ao valor das exportações, a perda de participação não foi significativa: o aumento do preço médio do sapato exportado pelo RS foi de US\$ 13,20 — superior ao preço médio do calçado nacional, que ficou na casa dos US\$ 9,93 —, o que permitiu que esse valor apresentasse um crescimento de 2,8%.

Apreensivo com essa situação, no final de 2005, um grupo de empresários gaúchos, representando o setor calçadista, participou de uma reunião, no Palácio do Planalto, com representantes das áreas de economia e do desenvolvimento econômico do Governo Federal, onde apresentaram uma pauta de reivindicações. Dentre as solicitações visando contornar a atual conjuntura, devem-se destacar a solicitação de restituição imediata dos

créditos do PIS e do IPI, defasada em quase 12 meses, a abertura de novas linhas de crédito para capital de giro, as restrições sobre as importações de calçados asiáticos, a restituição dos créditos de ICMS oriundo das exportações e a elevação da tarifa externa de calçados para o Mercosul para 35%, percentual máximo previsto pela OMC.

Embora estejam buscando uma saída coletiva para o setor, algumas empresas gaúchas passaram a contratar empresas chinesas, para atender a compromissos assumidos. Outras transferiram parte de sua produção para a China e/ou contrataram fábricas chinesas para produzir sapatos com a sua marca. Todas essas saídas para “driblar” a crise poderão amenizar a conjuntura atual, mas o problema do setor como um todo tende a se manter. No Rio Grande do Sul, o ano de 2005 encerrou com a desativação de, aproximadamente, 57 empresas ou unidades industriais, com uma diminuição de 16 mil postos de trabalho.

Tabela 5

Variáveis selecionadas do setor calçadista do Rio Grande do Sul — 2000, 2004 e 2005

ESPECIFICAÇÃO	2000	2004	2005
Índice de produção física (1)	98,18	100,69	94,8
Número de pares exportados (milhões)	121	120	99
Valor das exportações (US\$ milhões)	1 292	1 272	1 307
Número de empregados	120 337	142 828	126 744

FONTE: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS (Abicalçados). **Resenha Estatística**, 2006. Disponível em: www.abicalçados.com.br

RAIS.

CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS (Caged).

IBGE.

(1) O índice acumulado no ano tem como base igual período do ano anterior = 100.

Tabela 6

Participação percentual, segundo o número de pares, dos principais destinos das exportações gaúchas do setor calçadista — 2000, 2004 e 2005

DESTINOS	2000	2004	2005
Estados Unidos	69,41	60,93	52,77
Argentina	9,82	6,26	8,37
Reino Unido	5,08	4,90	4,66
Somatório	84,31	72,10	65,79
Outros	15,69	27,90	34,21
TOTAL	100,00	100,00	100,00

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio.

Tabela 7

Participação do volume e do valor das exportações gaúchas do setor calçadista nas exportações brasileiras — 2000, 2004 e 2005

ANOS	QUANTIDADE	VALOR
2000	74,23	83,52
2004	56,60	70,32
2005	52,11	69,26

(%)

FONTE: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS (Abicalçados). **Resenha Estatística**, 2003, 2004, 2005 e 2006. Disponível em: www.abicalçados.com.br

Considerações finais

A produção de calçados tem uma importância significativa para a economia não só pelo volume de sua exportação e conseqüente ingresso de divisas, mas também pelo seu alto poder de geração de empregos diretos e indiretos, considerando-se que esse setor movimenta também as indústrias de curtumes, máquinas, equipamentos e componentes.

O Governo Federal, para socorrer o setor, liberou uma linha de financiamento pelo BNDS, para a compra de máquinas e equipamentos visando à inovação tecnológica. Isso não agradou aos empresários, que haviam solicitado uma linha de financiamento para capital de giro, com juros menores e com um prazo maior de ressarcimento, que compensasse parte das perdas acumuladas pela valorização do real frente ao dólar, possibilitando rever sua inserção no mercado internacional, investir em *design* e rever seus canais de distribuição, para passar a exportar com marca própria — uma das formas de o sapato brasileiro tornar-se conhecido internacionalmente.

Fica a expectativa do que será feito para competir com os concorrentes asiáticos. O câmbio, considerado o vilão das exportações em 2005, é uma variável essencialmente conjuntural, que poderá ser contornada com uma revisão da política macroeconômica, mas, além de preços competitivos, o empresário deverá agregar mais valor ao produto, investindo na qualidade, na diferenciação e revendo os canais de distribuição. Concluindo, o Brasil deverá investir pesado na qualidade, no *design* e na marca, firmando uma tendência *made in Brazil* que seja aceita internacionalmente, e ainda ter preços competitivos.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS — ABICALÇADOS. **Resenha Estatística**, 2003, 2004, 2005 e 2006. Disponível em: www.abicalçados.com.br

AZEVEDO, Paulo Furqim de. Competitividade da cadeia de couro e calçados: relatório para o Fórum de competitividade da cadeia produtiva de couros e calçados. In: PROGRAMA DE ESTUDOS DOS NEGÓCIOS DO SISTEMA AGROINDUSTRIAL — PENSA. (s. n. t.).

CALANDRO, Maria Lucrécia; CAMPOS, Silvia Horst. Produção industrial em 2005: dificuldades maiores para o RS. **Indicadores Econômicos FEE**, v. 33, n. 4, 2006. Disponível em: www.fee.rs.gov.br Acesso em: abr. 2006.

COMO bloquear a desindustrialização. **Carta IEDI**, n. 186, 16 dez. 2005. Disponível em: www.iedi.org.br Acesso em: 26 dez. 2005.

A CRISE da indústria calçadista. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. B2, 26 fev. 2006.

FABRICANTES de sapatos sofisticados buscam saída para manter mercado. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. B7, 27 fev. 2006.

FRANCISCHINI, Andresa Silva Neto; AZEVEDO, Paulo Furquim. Estratégias das empresas do setor calçadista diante do novo ambiente competitivo: análise de três casos. **Gestão e Produção**, Ribeirão Preto, v. 10, n. 3, p. 251-265, dez. 2003.

GARCIA, Renato C. **FINEP, Rede DPP**: relatório setorial preliminar setor calçados e insumos. Disponível em: www.finep.gov.br Acesso em: 13 jan. 2006.

GIRALDI, Janaina de Moura Engracia; MACHADO NETO, Alfredo José; SANTOS, Dílson Gabriel dos. Atitude de consumidores estrangeiros com relação a produtos brasileiros: uma investigação do setor calçadista no Brasil. **Revista de Gestão**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 75-90, jul./set. 2004.

INDÚSTRIA em crescimento. **Carta IEDI**, n. 184., 2 dez. 2005 Disponível em: www.iedi.org.br Acesso em: 12 dez. 2005.

A INDÚSTRIA em 2005. **Carta IEDI**, n. 190, 13 jan. 2006. Disponível em: www.iedi.org.br Acesso em: 17 dez. 2006.

A INDÚSTRIA em 2005: expansão para poucos. **Carta IEDI**, n. 197, 3 mar. 2006. Disponível em: www.iedi.org.br Acesso em: 06 mar. 2006.

INDÚSTRIA fecha 13,4 mil vagas em um ano. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 24, 7 dez. 2005.

INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL — IEDI. **Produtividade industrial no primeiro semestre de 2005**: desempenho e perspectivas. São Paulo, 2005.

OMC: produtos “made in China” são apenas montados no país asiático. **O Globo**, Rio Janeiro, p. 39, 2 fev. 2006.

SCHETTERT, Maria Conceição. Desempenho da economia gaúcha em 2005. **Indicadores Econômicos FEE**, v. 33, n. 4. Disponível em: www.fee.rs.gov.br Acesso em: abr. 2006.

TENDÊNCIAS econômicas para indústria de calçados e componentes. **Impacto Econômico Assintecal**, bol. 01/06. Disponível em: www.assintecal.com.br Acesso em: jan. 2006.